

Leandro Gomes de Barros

O GOVERNO

ESTRUTURA DO GOVERNO E A

Lagarta contra o fumo



A dor de barriga de um noivo

A venda em casa do auctor

Aogados-Pernambuco

Agencia no Pará

Rua Manoel Barata, 99

A Edictora — RECIFE

O Governo e a Lagarta contra o fumo

Faz pena o clamor do povo
Nesses incostos de matta,
Luctando com duas pestes
Que não ha quem as rebata,
A primeira é o Governo,
A segunda é a Lagarta.

A Lagarta" porque põe
A lavoura toda em pó,
Essa corre do feijão
Desde a raiz ao cipó,
Antes Lagarta dez vezes
Do que fiscal uma só.

Outr'ora o povo rezava,
Fazia o pelo signal,
Dizendo: livre nos Deus
Do inimigo e do mal,
Hoje diz quando se benze,
Livre-nos Deus de um fiscal.

Faltou um palmo de gato
Para um fiscal ser dragão,
Havia trez candidatos:

Fiscal, juiz e escrivão,
Nem um destes pôde ser
Empatou a eleição.

O diabo vendo aquillo,
Para evitar de questão,
Mandou do gremio infernal
Seis membros em commissão
Dar a cadeira ao juiz,
O cartorio ao escrivão.

Dessa vez a commissão
Deu o talão ao fiscal
Dando-lhe pleno poder
De procurador geral
E cobrar aqui na terra
O imposto federal.

Quando o fiscal tomou posse
Daquella nomeação
Olhou em torno do mundo
Apossou-se de um talão
E disse: A humanidade
Cae toda na minha mão.

Hei de fazer com o povo
O que se faz com camello
Então a agricultura?
Dessa não fica nem pello,
E o commercio se aprompte
Que eu vou matal-o no sello.

A industria essa já sabe
Vai pagar o desafouro;
O ferreiro sella o ferro,
O ourives sella o ouro,
O mascate sella o metro
E o sapateiro o couro.

O alfaiate a agulha,
E o marceneiro o torno,
Todo o mestre de maceira
Sella o pão ainda morno,
O dono de padaria
Bota estampilha no forno.

Para rezar terço, agora
Sellam quem tira a novena,
O escrivão de casamento
Precisa sellar a penna,
O juiz sella o noivo,
O noivo sella a pequena.

Hontem á tarde vi num grupo
Um e outro se queixando,
Um velho arrancando as barbas
Outro os cabellos puchando,
Aonde tinha um fumeiro
Esse falava escumando.

Então diziam: esse imposto,
E' um mal que se não pára
Além de já se ter pago

Uma collecta tão cára,
O diabo de um fiscal
Chegou afiriu-me a vára.

Disse ó homem da bodéga:
Veja o que fez o damnado,
Entrou na minha bodéga
Foi ao livro de apurado
Como se elle fosse patrão
E eu fosse o empregado.

Esse anno de dezesete,
Anno do pirarucú,
Elle damnou-se no mundo
Sellou até cururú,
Fez do commercio carniça
E elle um grande urubú.

Aonde dorme um fiscal
De manhã chega a intriga,
Ao meio dia sarampo,
Mais tarde bate bexiga,
As cinco horas da tarde
Chega lagarta e formiga.

Não val a pena hoje em dia
Brazileiro trabalhar,
Matando os filhos com fome
Para o governo engordar,
E desgraçado daquelle
Que soffrer e se queixar.

Muitos, devido a isso
Deixaram de plantar fumo,
Outros ficaram no pó
Que nunca mais tomam prumo
Porque o que trabalhou
Deu ao fiscal do consumo.

Deus não olha para a terra
Aonde um fiscal nasceu,
Porque foi uma das pragas
Que no mundo appareceu,
Cobrando da humanidade
Aquillo que não vendeu.

Antes um mez de verão
E rosca em raiz de fumo,
Uma casa de tijollo
Com um grande desaprumo,
Do que em qualquer negocio
Andar fiscal de consumo.

Dando o mosquito no fumo,
Cahindo a flor de feijão,
Dando formiga no milho,
Lagarta no algodão,
Não apparecendo imposto
E' pouca a destruição.

Aonde passa um fiscal
Até a terra esmorese,
Em casa commercial

Até o ferro apodrece,
O mal se arroja nas portas
Todo bem desaparece.

Estava o diabo e a sogra
Em uma tremenda briga,
O diabo disse á sogra:
Tu és peor que formiga!
Disse-lhe a sogra: damnado!
Um collector te persiga.

O diabo amedrontado
Ficou com cara de chôro
Respondeu-lhe: miseravel,
Longe de mim teu agôro,
Damna-te com tua praga
Para a casa do besouro

Tres sogras abram-te o corpo
A nova seita te abraçe
Um mau visinho te acompanhe
Por todo logar que pässe
Revisor da *Gretuespe*
Se entrigue com tua classe.

Note o leitor, o diabo
Viu nesta praga um horror,
Acha que perseguição
De um fiscal ou collector
Excede a todo castigo
Seja lá elle qual for.

Disse um caçador de paca:
Dessa vez eu creio que morro,
Só mesmo se a providencia
Do céu mandar-me soccorro,
Um collector vê que eu caço
Quer me sellar o cachorro.

O velho em grande furor
Exclamava: que desgraça!
Meu cachorro está tão velho
Que nem olha para a caça,
Vive com a bocca aberta
Nem vê o bicho que passa.

Chorava um portuguez velho
Que ha tempos aqui vivia,
Mas, por arte do diabo,
Foi lá um fiscal um dia,
Viu elle fazendo pão
Collectou-lhe a padaria.

Um italiano velho
Que já muito mal arrasta,
Vende uma caixa de troços
Que não ganha o quanto gasta,
Um collector chegou lá
Examinou-lhe a *canasta*.

Achou um frasco de tonico
Estava até dessarolhado
Exclamou o collector:

Gringo você está multado
Porque não pode vender
Extracto sem ser sellado.

—*Perdone, senho; perdone!*
Dizia o italiano,
—*E'u estó aqui aléxato*
Não *canhei nata* este anno;
Respondeu-lhe o collector:
—Pode chorar, carcamano.

E o gringo abrindo a caixa
Disse: tem é bicho assim...
Exclamou o collector:
—Você não mostrou a mim
E sem tirar a licença
Não pode vender cupim.





A dôr de barriga de um noivo

Ha pessôas nesta terra
Que me chamam fallador,
Mas tal defeito não tenho,
Poderá crêr o leitor,
Apenas tenho um defeito
Ser muito reparador.

Que o caso se deu
Em certo logar,
Eu irei contar
O que aconteceu,
Não é falsa meu,
Que não uso disto
Eu só conto isto
Porque se passou,
Disse quem contou
Foi por todos visto.

Ha diabo neste mundo,
Que eu não sei para que casa,
Para fazer a derrota
Da infeliz que se arrasa,
E' como dois jogadores:
Um augmenta, outro atraza.

Como Zé Lumbriga
Quando se casou,
Que se desgraçou
Com dôr de barriga
E elle que o diga
Se assim não se deu,
De nada valeu
Medico e boticario
Não sei o vigario
Como não morreu.

Esse tal Zé Lumbriga
E' filho de Pança Inchada
Então pediu uma filha
De Josepha Panellada,
O leitor preste attenção
Ao que se deu na estrada.

O sol alteava,
Num dia de Abril
O céo cor de anil
Nesse dia estava,
A brisa cortava
A face dos prados,
Montes escarpados,
Como quem sorria,
O vento dizia:
Lá vão os noivados.

Eram bellos nesse dia
Os enfeites naturaes;

Sublimes carramanchões
Feitos pelos mattagaes,
Ensaivam as cantilenas
Os saudosos sabiás.

O povo seguia,
Naquelle delirio
Roçando no lyrio
Que no campo havia,
O padrinho sentia
O noivo cançado
Andando envergado
Coçando a barriga;
Era Zé Lumbriga
Que ia derrotado

Na vespera do casamento,
O noivo tinha comido,
Um quarto de bode assado
E um veado cosido,
Um resto de cabidella
Que um irmão tinha trazido.

Mais tarde comeu
Um litro de pipocas
E dez tapiocas
Que a noiva lhe deu,
A agua que bebeu
Ninguem calculou,
Um póte seccou

E uma bacia,
Agua que havia
Alli, se acabou.

Pela manhã levantou-se,
Perguutou: tem girimun?
Disse-lhe a noiva: tinham dois,
Mas agora só tem um,
Disse o noivo: cosinhe elle,
Para quebrar o jejum.

E tinha sobrado
Uma feijoada:
Fava cozinhada
Que tinha ficado
Com bredo guisado,
E muito toucinho
E mais o fucinho
D'um porco bahé;
Exclamava Zé
Como está bomzinho!

E foram para a igreja
Já o noivo encommoado,
As tripas roncando muito
O ventre bantante inchado,
Tanto que a noiva lhe disse:
Zé, seu bucho está damnado!

Não se confessou
No confissionario,
Porque o vigario

Não o aguentou,
O bruto arrotou
Dentro da matriz,
Em todo paiz
Causou sensação
Até Santo Antão
Tapou o nariz.

Alguem julgará que é falsa,
Quem viu foi homem de fé,
Pois foi em victoria
Na estrada nova,
Elle viu a cova,
Que a roupa enterraram,
Na cova botaram.
O véo a capella
Toda roupa della
Lá depositaram.

Não demoraram na rua
Devido a esse accidente,
O pae da noiva ia triste,
O noivo muito doente
Até o proprio cavallo
Bufava damnadamente.

O noivo dizia:
Que feijão damnado
Vou derrotado
Que não boto o dia,
Já tenho agonia,

Sinto a voz cançada !
— Comida malvada !
A noiva dizia :
Você bem sabia,
Eu vou ensopada.

Uma testin unha disse :
— Se chegar em casa vivo
Tome imediatamente
Um purgante muito activo,
Azeite de carrapato
Pois é o mais purgativo.

O sogro comprou
Um litro de azeite
E disse : se ageite
Que aqui mesmo eu dou,
A um rapaz gritou :
— Pegue Zé Lombriga !
Cortaram uma ortiga
Com espinhos e tudo,
Fizeram um canudo
E... lá vae bexiga.

O azeite quando entrou
Achou a barriga inchada,
Deu umas cinco ou seis voltas
E se ouviu a trovoada,
Não houve uma testemunha
Que não ficasse ensopada.

Alli tinha um moço,
Trouxe um cascabulho
Fez d'elle um embrulho
Levou-o a um poço,
Naquelle alvoroco
Sabe o que se deu?
O rapaz morreu
Por esfregar elle!
O cavallo delle
O dono o perdeu ..

Tambem Zé Lumbriga disse
Que nunca mais comeria
Feijão com carne de porco
Guardado do outro dia,
Ainda visando a morte
Tal diabo não comia.

Se ainda comer
E' desgraçado,
Bem viu o veado
O que quiz fazer,
Faz pena dizer
O que se passou:
A noiva ficou
Prostrada de vez
Muito mais de um mez
Não se levantou.

Depois que chegaram em casa
A mãe da nova estranhou
Perguntou que tem Maria

Que está como quem chorou ?
O que fez ella do véo ?
A capella onde ficou ?

Ora onde ficou ! ?
Disse-lhe o marido,
Todo o acontecido
O velho contou :
Zé se desgraçou,
Foi horrivelmente,
Deixou indecente
O confissionario,
Até o vigario
Ficou lá doente ! ...

Que diabo tinha elle ?
Perguntou a mãe da moça,
Que tinha ? disse-lhe o velho :
— Aquella farofa insouça
Até no pé do altar
Ficou uma enorme poça.

Elle deu um vento
No confissionario
Que quasi o vigario
Deixa o casamento,
E o pagamento
Que elle quiz fazer,
Póde tudo crer,
Estirou a mão
Mas o sachristão
Temeu receber.

Folhetos á venda na AGENCIA

Rua Manoel Barata, n. 99—Pará

- Historia de Zezinho e Mariquinha
A Força do Amor
Morte de Alonso e Vingança de Marina
A Rainha que sahiu do Mar
Historia da Princeza Magalona
A Morte do General Pinheiro Machado
Casamento e Divorcio da Lagartixa
Historia da Donzella Theodora
A Bella adormecida no bosque
A chegada do dr. Lauro Sodré no Pará
A vida de Antonio Silvino
A prisão do celebre Antonio Silvino
O Leão na jaula (Antonio Silvino)
Antonio Sivino no jury
Os arrependimentos de Antonio Silvino
Allemanha nadando sobre um mar de sangue
Historia de Maria Amaral
A guerra do Brazil com a Allemanha
O Mal em paga do Bem
Pae da Miseria e Mãe da Urucubaca
Peleja do cego Aderaldo com Zé Pretinho
A vida do seringueiro
Peleja de M. do Riachão com o Diabo
Discussão da Allemanha com Portugal
O Rio de São Francisco
O Brazil na guerra
O Principe e a Fada
O Governo e a Lagarta contra o fumo
Historia de Pedro Cem
O Retirante, sua mulher e seus filhos
A Mulher roubada
Echos da Patria O torpedeamento do vapor
«Macau»
O Cantor da Borborema
—A chegar pelo primeiro vapor :
O Rico Avarento
Ultimos julgamentos de Antonio Silvino
Branca de Neve. O Soldado guerreiro
Historia da escrava Izaura
O gallo mysterioso ma ido da gallinha de
dentes e muitos outros em preparação.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).